

A infância de Paulo Freire: pensando contribuições para a educação infantil
Paulo Freire's childhood: thinking contributions to early childhood education

Ana Paula Santos Sarmanho
Universidade do Estado do Pará - UEPA
Belém-Brasil

Resumo

A infância de Paulo Freire é um tema que aparece em muitos de seus escritos. Vários autores entendem que embora a infância não tenha sido o foco dos seus trabalhos, mas sim a educação de jovens e adultos, em suas obras é possível observar as contribuições para a educação das crianças, principalmente na modalidade da educação infantil, tanto em espaços formais como informais de educação. Com base na leitura de obras de Paulo Freire, analisam-se alguns trechos sobre a infância do educador pernambucano, bem como serão realizadas reflexões sobre possíveis contribuições de Freire para pensar a educação infantil.

Palavras-chave: Paulo Freire; infância; educação infantil

Abstract:

Paulo Freire's childhood is a theme that appears in many of his writings. Several authors understand that although childhood was not the focus of their work, but the education of young people and adults, in their works it is possible to observe the contributions to the education of children, especially in the modality of early childhood education, both in formal spaces as informal education. Based on the reading of Paulo Freire's works, some excerpts about the childhood of the Pernambuco educator are analyzed, as well as reflections on possible contributions by Freire to think about early childhood education will be carried out.

Keywords: Paulo Freire; childhood; child education

Introdução

A infância de Paulo Freire é um tema que aparece em muitos de seus escritos. Vários autores entendem que embora a infância não tenha sido o foco dos seus trabalhos, mas sim a educação de jovens e adultos, em suas obras é possível observar as contribuições para a educação das crianças, principalmente na modalidade da educação infantil, tanto em espaços formais como informais de educação.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, tendo por base obras de Paulo Freire, entre as quais: *A importância do ato de ler*, *Cartas a Cristina*, *Partir da infância: diálogos sobre educação* e *À sombra desta mangueira*, que contribuem para o estudo da Educação Infantil.

Neste artigo, o objetivo é, com base na leitura destas obras de Paulo Freire, analisar alguns trechos sobre a infância do educador pernambucano, bem como realizar reflexões sobre possíveis contribuições de Paulo Freire para pensar a educação infantil.

Inicialmente analisa-se porque falar da “infância” de Paulo Freire e não da “criança” Paulo Freire, em seguida, a infância de Paulo Freire nas suas obras e a sua importância para a educação infantil. Por fim, as considerações finais.

Para começar, porque falar da “infância” de Paulo Freire e não da “criança” Paulo Freire?

Eu acho que uma das coisas melhores que eu tenho feito na minha vida, melhor do que os livros que eu escrevi, foi não deixar morrer o menino que eu não pude ser e o menino que eu fui, em mim.

(FREIRE, 2001, p. 101)

Kohan (2020), em uma *live*¹ comemorativa dos 25 anos do Núcleo de Educação Popular Paulo Freire (NEP) “Diálogos Sobre o Ensino de Filosofia com Crianças”, distinguiu as duas palavras e afirma que o termo “criança” é uma fase da vida humana, ela é uma etapa, é uma idade. Para o autor, criança é uma palavra que está no tempo cronológico, já a infância tem um tempo único que não passa. A infância não seria uma etapa, mas sim uma possibilidade, uma oportunidade, uma dimensão da vida. A criança está ligada ao tempo do relógio, “um tempo Cronos, é o tempo das agulhas”, e esse tempo tende a passar como uma linha, enquanto que a infância é um tempo que não passa, ele permanece.

Paulo Freire, próximo aos 70 anos, recebeu o prêmio de “menino permanente” na Itália, Kohan (2020) compreende que Paulo Freire já não estava na idade de ser criança, mas estava na possibilidade de viver uma vida infantil, a qual não apresenta idade.

As infâncias são inícios, de um partir, de uma viagem, de um deslocamento. A educação é uma viagem pedagógica, filosófica, uma viagem no pensamento, a princípio, e sem o destino antecipado, pois é a própria viagem que nos diz qual é o sentido (KOHAN, 2020)ⁱⁱ.

Paulo Freire não teve as crianças e a infância como objeto central dos seus trabalhos, mas sim os adultos das classes populares, como salienta os estudos de Mafra (2007), Silva et al (2008), Peloso e Paula (2011), Kohan (2018).

Sobre essa temática, há poucos trabalhos publicados e que apreciem a obra de Freire pensando a educação na e para a infância. Isto acarreta o pensamento de que não há significativa contribuição do autor nesse período de desenvolvimento, todavia algumas de suas obras revelam as suas contribuições à educação de forma geral e também discorrem sobre a sua infância e o processo de escolarização infantil.

Para discutirmos questões de infância, com base em Paulo Freire, é necessário entendermos como estão organizadas suas obras. Silva et al (2008) dividiu as obras, levando em consideração dois períodos importantes da vida de Paulo Freire, o exílio em 1964, que foi de suma importância para a constituição do seu pensamento, e a assunção da Secretaria de Educação de São Paulo, entre 1889 e 1991, que trouxe influências dessa atuação em seus escritos. A seguir, a tabela com as obras em diferentes períodos da sua vida.

Tabela 1: Obras de Paulo Freire divididas em períodos.

Períodos	Obra	Data
Primeiro período: Antes do exílio de 1964	Educação e atualidade brasileira	1959
Segundo período: Do exílio em 1964 até 1980	Educação como prática da Liberdade	1967
	Pedagogia do oprimido	1970
	Extensão ou comunicação?	1971
	Ação cultural para a liberdade e outros escritos	1976
	Educação e Mudança	1979
	Cartas a Guiné-Bissau: registros de uma	1977

A infância de Paulo Freire: pensando contribuições para a educação infantil

	experiência em processo	
Terceiro período: De 1980 até a saída da Secretaria de Educação de SP em 1991.	Conscientização: teoria e prática da libertação.	1980
	Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire	
	A importância do ato de ler em três artigos que se completam	1982
	<u>Essa escola chamada vida - Depoimentos ao Repórter Ricardo Kotscho</u>	1985
Quarto período: Após a saída da Secretaria de Educação em 1991 até seu falecimento em 1997.	A educação na cidade	1991
	Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido	1992
	Política e educação	1993
	Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar	1993
	Cartas a Cristina	1994
	À sombra desta mangueira	1995
	Pedagogia da autonomia	1996
Quinto período: Obras publicadas postumamente por Ana Maria Freire	Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos	2000
	Pedagogia dos sonhos possíveis	2001
	Pedagogia da tolerância	2005

FONTE: adaptado e modificado de (GADOTTI, 1996; FREIRE, 2001; FREIRE 2006; SILVA ET AL, 2008). As obras sublinhadas não estavam elencadas nas leituras consultadas, a autora os acrescentou posteriormente.

Segundo Kohan (2019, p. 162 e 163), Paulo Freire em vários excertos de suas obras apresenta uma concepção de infância/meninice que vai além da tradicional ideia de infância como uma etapa cronológica, ele caminha para demarcar “ameninice como força da vida, não apenas para a vida individual de um ser humano em qualquer idade, mas, inclusive – ou sobretudo – para a vida coletiva, isto é, para uma revolução política”.

Em várias obras de Paulo Freire é possível observar trechos que remetem à infância, alfabetização e início da escolarização, no entanto, faremos a discussão baseada apenas nas obras *A importância do ato de ler*, *Cartas a Cristina*, *Partir da infância: diálogos sobre educação*

e À sombra desta mangueira, que trazem elementos importantes para discutirmos sobre a infância do autor e refletir com carinho as contribuições para a Educação Infantil.

A infância de Paulo Freire nas suas obras e sua importância para a educação infantil

Voltar-me sobre minha infância remota é um ato de curiosidade necessário

(FREIRE, 2015, p. 38)

Sabemos que a infância não foi o foco dos estudos e obras de Paulo Freire, mas não foi uma dimensão da vida humana descartada de suas publicações, ao contrário, ela se faz presente em algumas obras. Kohan (2019) explicita que o interesse de Paulo Freire é na prática educativa, não em um nível específico de ensino.

Na obra *A importância do ato de ler* (FREIRE, 1989) Freire faz uma retomada sobre a sua infância, de forma a buscar na memória a compreensão do seu ato de ler o mundo que lhe era familiar, ele afirma que “neste esforço a que me vou entregando, re-crio e re-vivo, no texto que escrevo, a experiência vivida no momento em que ainda não lia a palavra” (FREIRE, 1989, p. 12). Com isso, percebe-se que a memória de infância guarda a leitura do primeiro mundo de Paulo, onde demarcam-se as primeiras experiências de vida.

Através dessa obra, Paulo conta algumas experiências que fazem parte dessa memória de infância, como no excerto a seguir sobre a casa onde morava com os pais e irmãos:

Me vejo então na casa mediana em que nasci, no Recife, rodeada de árvores, algumas delas como se fossem gente, tal a intimidade entre nós – à sua sombra brincava e em seus galhos mais dóceis à minha altura eu me experimentava em riscos menores que me preparavam para riscos e aventuras maiores. A velha casa, seus quartos, seu corredor, seu sótão, seu terraço – o sítio das avencas de minha mãe – o quintal amplo em que se achava, tudo isso foi o meu primeiro mundo. Nele engatinhei, balbuciei, me pus de pé, andei e falei. Na verdade, aquele mundo especial se dava a mim como o mundo de minha atividade perceptiva, por isso mesmo como o mundo de minhas primeiras leituras. Os “textos”, as “palavras”, as “letras” daquele contexto – em cuja percepção me experimentava e, quanto mais o fazia, mais aumentava a capacidade de perceber se encarnavam numa série de coisas, de objetos, de sinais, cuja compreensão eu ia aprendendo no meu trato com eles nas minhas relações com meus irmãos mais velhos e com meus pais (FREIRE, 1989, p.12 e 13).

A infância de Paulo Freire: pensando contribuições para a educação infantil

Nota-se que Paulo revisita suas memórias e traz com saudosismo os detalhes da experiência da sua infância, onde ele desenvolve a percepção e a leitura de mundo inicial, sobre as coisas que lhe eram familiares, na vivência com a família e a natureza. É nesse contexto que Paulo desenvolve a leitura de mundo, e que por sua vez, realizará a leitura das palavras com os pais.

Em *Cartas a Cristina* (FREIRE, 2015), um texto autobiográfico, observamos a leitura que o próprio Paulo Freire faz sobre sua infância cronológica, onde se revela a força política da infância. Essa obra é escrita em forma de cartas à sua sobrinha Cristina, chamada carinhosamente como Nathercinha. Kohan (2019) afirma que essa obra pode trazer reflexões sobre as infâncias dos educadores, mas também pode ser inspiradora e geradora de outras possíveis vidas educadoras da e na infância.

Em *Cartas a Cristina*, Paulo Freire aborda que quanto mais observa sua infância distante, mais ele descobria que tem coisas a aprender com ela. Em um trecho, ele fala sobre a família e a fome:

Não fui um menino desesperadamente só nem desamado. Jamais me senti ameaçado, sequer pela dúvida em torno da afeição de meus pais entre si como de seu amor por nós, por meus irmãos, por minha irmã e por mim. E terá sido essa segurança que nos ajudou a enfrentar, razoavelmente, o real problema que nos afligiu durante grande parte de minha infância e adolescência – o da fome. Fome real, concreta, sem data marcada para partir. [...]
Quantas vezes fui vencido por ela sem condições de resistir a sua força, a seus “ardis”, enquanto procurava “fazer” os meus deveres escolares. [...]
Em outras ocasiões, à custa de tremendo esforço, me era possível realmente lê-las, uma a uma, mas nem sempre conseguia entender a significação do texto que elas compunham (FREIRE, 2015, p. 39 e 40).

Nesses trechos, podemos ver que a fome era algo que se fez presente na vida do autor e dificultava seu processo de aprendizagem. Em um trecho abaixo, Paulo Freire diz que não precisava consultar estudos científicos que falassem da relação entre desnutrição e dificuldades de aprendizagem, pois ele “tinha um conhecimento de primeira mão, existencial, destas relações” (FREIRE, 2015, p. 40).

Com isso, pensamos que é de suma importância a alimentação das crianças na educação infantil. Ainda há crianças que realizam as principais alimentações somente na creche, pré-escola e escola, e a alimentação precária traz prejuízos ao desenvolvimento e aprendizado das crianças.

Em outro trecho de *Cartas a Cristina* (FREIRE, 2015), Paulo Freire após contar sobre a “geografia dos quintais” e as frutas que furtavam dos vizinhos, e também acerca de um

momento tentou furtar um mamão para acabar com a sua fome, mas foi surpreendido pelo dono do quintal e ganhou um sermão moralista que “não tinha nada que ver com minha fome” (FREIRE, 2015, p. 43), abaixo ele diz:

Já não me lembro do que me terão “ensinado” na escola, no dia daquela manhã em que fui flagrado com o mamão do vizinho na mão. O que sei é que, se foi difícil resolver, na escola certos problemas de aritmética, nenhuma dificuldade tive de aprender a calcular o tempo necessário para que as bananas amadurecessem em função do momento de maturação em que se encontravam quando “agasalhávamos” em nossos secretos esconderijos (FREIRE, 2015, p. 43).

Analisando esse momento, entendemos que o saber do cotidiano vivido por eles era um saber aprendido, consolidado, como o aprendizado do tempo em que as frutas amadurecem e podem ser comidas, era algo mais fácil de aprender, já que partia do seu mundo, do que a geografia estudada na escola, decorando as capitais dos países, por exemplo.

Com isto, tecemos uma crítica à educação bancária que não estimula a aprendizagem significativa, partindo dos saberes das crianças, vendo-as muitas vezes como “tábulas rasas” que precisam ser alimentadas de conhecimento pelo professor, não entendem a educação como uma construção COM a criança. Quantas infâncias foram demarcadas por aprendizados não significativos, decorados, que não faziam sentido e que não apresentavam mínima relação com a realidade cotidiana das crianças? Isso traz também prejuízos ao aprendizado.

Pensando nisso, a educação das infâncias poderiam partir do conhecimento de mundo das crianças, de seus saberes para além, em busca da aprendizagem significativa.

Em *Cartas a Cristina* (FREIRE, 2015), podemos observar que a família apresentava uma formação política e ética. Em dois trechos, Paulo Freire fala do diálogo:

Meu pai teve um papel muito importante na minha busca. Afetivo, inteligente, aberto, jamais se negou a ouvir-nos em nossa curiosidade. Fazia, com minha mãe, um casal harmonioso, cuja unidade não significava, contudo, a nivelação dela a ele e nem dele a ela. O testemunho que nos deram foi sempre o da compreensão, jamais o da intolerância. Católica ela, espírita ele, respeitaram-se nas suas opções. Com eles aprendi desde cedo o diálogo (FREIRE, 2015, p. 62).

A sua forçada permanência em casa o aproximou intensamente de todos nós. De modo geral, aproveitava as oportunidades, quaisquer que fossem, estando com um dos filhos ou com a filha, para uma conversa acessível. Nunca, porém, fazia dissertações eruditas, nem forçava um assunto se este não nos interessava. Perguntava, desafiava, ao mesmo tempo em que nos ia introduzindo a diferentes temas (FREIRE, 2015, p. 68).

A infância de Paulo Freire: pensando contribuições para a educação infantil

Acima, compreendemos como Paulo Freire aprendeu sobre diálogo, pois em sua infância era essa sua vivência familiar. O diálogo também ocorria com assuntos nos quais os filhos pudessem ter acesso, que eram de conhecimento deles, a linguagem era adaptada para que os filhos entendessem, e o avanço nos assuntos ocorriam de forma paulatina, ao passo que o pai observava os filhos.

O olhar atento, a adaptação e também o desafio em busca de novos aprendizados, essa é uma proposta interessante para a educação infantil, dialogando com as crianças, ouvindo-as e fazendo-as sujeitos de conhecimento, com voz, para construir conhecimento junto delas.

Ainda nessa carta, um trecho muito importante sobre o respeito ao outro:

Aprendi com minha infância atribulada e convivendo com a dor moral de meus pais, experimentada nas mais diversas situações e quase sempre “recheada” de uma linguagem desrespeitosa, sobretudo, é óbvio, quando o sujeito paciente era minha mãe, a ser ou a tornar-me intensamente sensível ao dever de respeitar quem se acha em situação de fraqueza ou de debilidade (FREIRE, 2015, p. 69).

No excerto, vemos que Paulo Freire e a família tiveram momentos de dificuldades e conviveram com situações de desrespeito, humilhações e ainda sim, Paulo Freire aprendeu sobre o valor do respeito ao próximo, principalmente em situações em que o outro está em condição inferior, com debilidades.

Ainda em *Cartas a Cristina* (FREIRE, 2015), Paulo Freire conta sobre a morte do pai, com um aneurisma abdominal, tal fato agravou a vida da família, com a ausência do pai e a perda da aposentadoria que o pai recebia e ajudava, mesmo que pouco, na sobrevivência deles. A partir dali, a mãe de Paulo Freire receberia pensão, de valor mais baixo que a aposentadoria do marido. Com a morte, ainda sim Paulo Freire teve aprendizados:

[...] Na sucessão de aprendizagens de que participamos, vai sendo enfatizado em nós o amor à vida ou o amor à morte. A maneira como nos relacionamos desde a mais tenra idade com os animais, com as plantas, com as flores, com os brinquedos, com os outros. A maneira como pensamos o mundo, como atuamos sobre ele: a malvadez com que tratamos os objetos, destruindo-os ou desprezando-os. O testemunho que damos aos filhos de desrespeito aos fracos, o desdém pela vida. Assim ensinamos e aprendemos a amar a vida ou a negá-la (FREIRE, 2015, p. 107).

O retorno à infância cronológica, através da memória, diz Kohan (2019) é um imperativo para se entender melhor e para a continuidade histórica entre o presente educador e o passado de criança. Esta última com memórias da fome vivida com os pais e irmãos, a aproximação com a natureza, a ausência de condições para pagar a escola, a

vontade de estudar e aprender. Essa revisitação à infância nos auxilia a compreender como se construiu o educador Paulo Freire e suas contribuições à educação.

Ele percebia como menino, com a dura realidade da vida em sociedade, que não devia aceitar as condições da vida, era preciso haver mudança. Paulo Freire menino, como afirma Kohan (2019), percebe que o dominado internaliza e reproduz os valores do dominante, e para lutar contra isso, é necessária uma transformação cultural e educativa das relações sociais. Essa escrita da infância traz a percepção sobre a presença do menino Paulo Freire no adulto e maduro Paulo Freire.

Também ao observar as cartas, com as histórias sobre sua infância, percebemos o gosto de Paulo Freire pelas letras, pela leitura e dos estudos que o movem desde pequeno. Ao descrever seu processo de alfabetização pelos pais, no quintal de casa, usando o chão como quadro e os galhos da árvore como giz, entendemos uma descrição carinhosa sobre seus aprendizados à sombra da mangueira de casa, onde aprende a ler as palavras do seu cotidiano, daquilo que fazia parte do seu mundo e seu entendimento, como no excerto a seguir de *A importância do ato de ler* (FREIRE, 1989):

E foi com eles, precisamente, em certo momento dessa rica experiência de compreensão do meu mundo imediato, sem que tal compreensão tivesse significado malquerenças ao que ele tinha de encantadoramente misterioso, que eu comecei a ser introduzido na leitura da palavra. A decifração da palavra fluía naturalmente da “leitura” do mundo particular. Não era algo que se estivesse dando superpostamente a ele. Fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi o meu quadro-negro; gravetos, o meu giz (FREIRE, 1989, p.16).

Nesse trecho é possível compreender que o aprendizado da escrita e leitura de Paulo ocorreu a partir do que ele experienciava, explorava na infância e não da vivência dos pais, portanto, a leitura de mundo precedia a leitura das palavras.

Em *Partir da infância: diálogos sobre educação* (FREIRE; GUIMARAES, 2014), os autores dialogam sobre vários temas, como o processo de alfabetização de Paulo, com os pais e a entrada na escola. Sérgio questiona à Paulo como foi esse processo e obteve como resposta o esclarecimento sobre como ocorreu à sombra das árvores do quintal, na casa amarela, estrada do encanamento, número 724:

E é uma coisa assim, muito interessante. Porque, em primeiro lugar, eles me alfabetizaram partindo de palavras minhas, palavras da minha infância, palavras da

A infância de Paulo Freire: pensando contribuições para a educação infantil

minha prática como criança, da minha experiência, e não das palavras deles. Você veja como isso me marcou, anos depois. Já homem, eu proponho isso! Ao nível da alfabetização de adultos, por exemplo. Mas eu disse recentemente num texto que escrevi, com referência a isso, que o meu giz, nessa época, eram gravetos da mangueira em cuja sombra eu aprendi a ler, e o meu quadro negro era o chão. [...] A informação e formação que me iam dando se davam num espaço informal, que não era o escolar e me preparavam para este, posteriormente (FREIRE, GUIMARÃES, 2014, P. 14 E 15).

Essa lembrança sobre como o processo de alfabetização no quintal de casa por seus pais é trazida em outras obras como “A importância do ato de ler” e “À sombra desta mangueira”. Paulo ainda relata que esse aprendizado era uma espécie de pré-escolar, vivido de forma livre, despreziosa, onde aprendeu realmente a ler e escrever.

Kohan (2018), quanto a obra *Partir da infância: diálogos sobre educação*, afirma que nela Freire destaca a importância dos relacionamentos construídos na infância para a sua construção, mencionando a relação com os membros da família, os animais, as árvores, as palavras, e que o modo que foi introduzido na alfabetização pelos pais revela o processo afetivo, dialógico e amoroso, mas explicitando que seus pais não eram professores, mas os considera educadores, considerando que lhe deram tempo e paciência para aprender as palavras de seu mundo.

Ainda quanto ao diálogo de Paulo e Sérgio na obra, quando questionado se Paulo tinha extraído alguma crítica em relação a essa formação pré-escolar vivida com seus pais, Paulo responde “Não, eu corro até o risco de parecer que idealizo demais, mas posso dizer que tive uma infância feliz, apesar das dificuldades que começamos a viver” (FREIRE, GUIMARÃES, 2014, P. 14 E 15).

Kohan (2018), ao falar sobre a forma que Freire revisita a sua infância e descreve sobre seu processo de alfabetização com os pais, afirma que é algo bonito, delicado e cuidadoso e explica que:

Seu início na leitura das palavras é prazeroso e brincalhão numa leitura de um mundo amigo e hospitaleiro, de grande intimidade com as árvores e a natureza, de um mundo familiar amoroso, afável e dialógico. Nessa alfabetização, a leitura da palavra inicia-se em consonância com a leitura do próprio mundo: as primeiras palavras escritas e lidas são as palavras que compõem o mundo, não há ruptura nem distância entre elas (KOHAN, 2018, p. 7).

A forma como Paulo descreve esse processo, corroborando com Kohan, revela uma aprendizagem que era significativa, com diálogo, cuidado e amor realizado pelos pais, mas seguiria na sua primeira escolinha particular, a escolinha da professora Eunice Vasconcelos,

cuja se deparou com ele já alfabetizado e realizava exercícios com ele, na qual deveria “formar sentenças”, o exercício ocorria da seguinte maneira:

Era um exercício que a mim me agradava enormemente, porque ela me pedia que eu escrevesse num papel duas, três palavras que eu soubesse. E eu escrevia; em seguida ela lia e depois me propunha um outro exercício: que eu dissesse algumas coisas com aquelas palavras. [...] Em primeiro lugar, ela me sugeria que eu formasse sentenças com aquelas palavras, mas oralmente, falando! Veja como ela tinha também a intuição da oralidade, da necessidade do exercício da expressividade da criança. Vamos admitir, por exemplo, que uma das palavras fosse *bola*, e que eu tivesse dito a ela “Eu tenho uma bola”. Ela aí dizia: “Ok, agora escreve isso”. E eu escrevia e, se eu cometia erros, o que é que ocorria?? Os erros eram corrigidos sobre a prática e na prática. Não eram abstrações (FREIRE, GUIMARÃES, 2014, P. 15 E 16).

Nesse trecho é possível compreender como ocorria o processo de aprendizagem da leitura e escrita de Paulo, na primeira escola em que esteve, onde a professora partia das palavras e contextos que ele já sabia, na prática, para desenvolvê-lo ainda mais, e ainda, nota-se a importância de explorar a oralidade das crianças para engajá-las no processo de aprendizagem. Nesse trecho também observa-se que não se trata mais da fase pré-escolar, mas dessa transição para a fase escolar, onde há a introdução da leitura e escrita com foco na formação de frases. Freire ainda comenta sobre esse processo da saída da casa dos pais para a escola:

Entre a minha experiência de casa e a experiência da casa dela, não havia diferença nenhuma do ponto de vista da educação. Ela possuía mais ou menos a mesma mentalidade de meus pais, de maneira que não atrapalhava nada em mim. Essa foi a minha primeira professora. Daí eu saio para a escola pública (FREIRE, GUIMARÃES, 2014, P. 20).

Dessa forma, nota-se que a prática educativa realizada pelos pais de Paulo e da professora Eunice eram semelhantes, e com isso houve uma continuação do processo de aprendizagem dele, como ele também frisa em *A importância do ato de ler* “Eunice continuou e aprofundou o trabalho de meus pais. Com ela, a leitura da palavra, da frase, da sentença, jamais significou uma ruptura com a ‘leitura’ do mundo. Com ela, a leitura da palavra foi a leitura da ‘palavramundo’” (FREIRE, 1989, p. 16 e 17). Aqui observa-se que o processo de alfabetização está atrelado à leitura de mundo da criança, daquilo que lhe é familiar e faz parte da experiência vivida em seu mundo.

A infância de Paulo Freire: pensando contribuições para a educação infantil

Nas descrições sobre a infância de Paulo, observa-se que a leitura e o processo de aprendizagem ocorrem de forma amável, dialógica, respeitável, que são alguns ideais defendidos por Paulo Freire.

Na obra *À sombra desta mangueira* (FREIRE, 1995) também há trechos que contam sobre sua vivência e relação com a natureza e a leitura, o aprendizado em um espaço informal, sua casa, e, posteriormente, na escolinha da professora Eunice Vasconcellos, convivendo em uma classe multisseriada, onde ocorre um aprofundamento do que aprendeu com os pais. Esse primeiro momento é vivido em Recife, após isso, ocorre uma mudança para Jaboatão, onde Paulo Freire terá mais dificuldades para viver e aprender, marcada pela miséria, fome, pobreza, autoritarismos.

A estrada do encanamento, número 724, no bairro de Casa Amarela, em Recife foi a primeira moradia de Paulo Freire, de onde ele conta como era sua relação com a natureza, como era o seu primeiro mundo, representa suas raízes e seu primeiro espaço de educação, informal, onde aprendera a ler de forma dialógica e amável com seus pais.

Kohan (2019) refere que essa forma de alfabetizar Paulo Freire foi significativa, pois isso nos auxilia no entendimento de como Paulo Freire mantém a infância dentro de si a vida toda, incluindo suas pedagogias “Por uma pedagogia da pergunta” que parece mais infantil do que “pedagogia do oprimido”. O autor diz que em *Pedagogia da Pergunta* apresenta uma forma dialógica, um tom descontraído, com o conteúdo focado no valor educacional da pergunta, já em *Pedagogia do Oprimido* é mais assertivo, taxativo e com pressupostos teóricos e ideológicos mais determinados. Kohan (2019) compreende isso afirmando que tem a percepção de Paulo Freire ir preservando as potências da infância, de modo a cultivar uma potente relação com a infância não cronológica.

Após a mudança para Jaboatão e a morte do pai, observamos nas obras uma mudança do Paulo Freire que tinha uma quase fusão com a natureza, por um menino preocupado com o sustento da vida e de seus familiares, como no trecho “No fundo já vivíamos como salientei, uma radical ambiguidade: éramos meninos antecipados em gente grande. A nossa meninice ficava espremida entre o brinquedo e o ‘trabalho’, entre a liberdade e a necessidade” (FREIRE, 2015, p.50).

Encontramos também as expressões de “menino conjunção” e “menino conectivo”:

Nascidos assim, numa família de classe média, que sofrera os impactos da crise de 1929, éramos meninos conectivos. Participando do mundo dos que comiam, mesmo

que comêssemos pouco, participávamos também do mundo dos que não comiam, mesmo que comêssemos mais do que eles – o mundo dos meninos e das meninas dos córregos, dos mocambos, dos morros. Ao primeiro estávamos ligados por nossa posição de classe; ao segundo, por nossa fome, embora as nossas dificuldades fossem menores que as deles, bastante menores (FREIRE, 2015, p.51).

Nesse trecho, é possível compreender que Paulo Freire nomeia a si e seu irmão como *meninos conectivos*, momento em que eles estavam em contato com os meninos e meninas das classes populares. A ideia de conjunção e conectividade é entre classes, dos que comem e dos que não comem. Kohan (2019) entende essas expressões como uma infância apaixonada e interessada pelas uniões, pelas reuniões, pelas ligações, pelos laços.

Para Paulo Freire, a infância era uma condição para educar as pessoas de todas as idades, e tínhamos que cuidar da nossa infância, mantê-la viva, escutá-la bem. Dessa forma, não seria “educar a infância”, mas sim “educar infantilmente”, é educar com a infância e a partir das infâncias, pois não há uma somente, há muitas infâncias, mas também há muitas crianças que não podem viver a infância (KOHAN, 2020).

Freire é um autor de grande importância para discutir questões contemporâneas, bem como a educação das infâncias. Silva *et al* (2008, p. 3), destaca algumas contribuições das obras de Freire, como sua concepção do ser humano como um ser histórico e inacabado, a afirmação da educação como uma situação gnosiológica e como ato político, a não dicotomização da objetividade e subjetividade, o reconhecimento das diferenças e proposição do diálogo, o reconhecimento da importância do corpo e afeto, sua crítica à ética de mercado e a defesa de uma ética universal do ser humano em processo permanente de construção. Todas essas contribuições atestam o quanto atual e importante é dialogar com o pensamento de Freire.

Pensar a prática educativa, com e para crianças, baseada na infância de Paulo Freire, é algo que poderia ser melhor explorado no processo de ensinoaprendizagem das crianças, partindo da experiência delas, das suas vivências, e não daquilo que o professor deseja. Situar a criança no papel ativo de sujeito aprendente que também ensina, divide e constrói a sua própria aprendizagem.

Certamente, isso traria menos frustração às crianças quanto às dificuldades no processo de aprender a ler e escrever, tornaria o processo mais dialógico, afetivo e lúdico para essa fase da vida que tem exigido cada vez mais delas e, por vezes, adultizado. Faz-se necessário oportunizar mais experiências próprias de uma infância do brincar, do aprender

A infância de Paulo Freire: pensando contribuições para a educação infantil

de forma dialógica e com participação ativa, partindo do mundo delas para o seu pleno desenvolvimento.

Considerações finais

A partir de todas essas exposições da infância de Paulo Freire, podemos pensar uma educação infantil pautada no diálogo, partindo do conhecimento de mundo da criança, dos seus saberes, suas visões de mundo, sua percepção das coisas à volta, e de forma processual, em uma construção constante COM a criança.

As obras de Paulo Freire também trazem como ponto importante a aprendizagem significativa, ou seja, partir daquilo que faz parte da experiência da criança e, a partir disso, ir construindo os conhecimentos, brincando, com amorosidade, de forma leve com as crianças. Mas, para construir conhecimentos partindo da experiência, é preciso e, sobretudo, ouvir as crianças, estar atento à elas, percebê-las, fazer com que elas sejam sujeitas do conhecimento e não dicotomizar os saberes da escola e os saberes da vida.

Assim como Paulo Freire foi alfabetizado com coisas da sua realidade cotidiana, devemos ajudar as crianças na aprendizagem, partindo do seu mundo, seus saberes de vida.

A forma como agimos diante das situações, mesmo que no espaço escolar, também traz aprendizagens às crianças, pois elas nos observam, tal qual Freire observava os pais lidando com os desafios e aprendia que deveria lutar, buscar, ter respeito, paciência, tolerância e a estabelecer diálogos com o outro.

Portanto, necessitamos ler como era a infância de Paulo Freire, e perceber a força que existe nessa infância e que isso se torne potente a ponto de nos atravessar e nos fazer repensar a criança que fomos e como nossas ações enquanto educadores de crianças podem transformar outras infâncias, de forma significativa, com boas memórias e aprendizados que serão trazidos, como Paulo traz sobre seus pais e sua professora do pré-escolar, com saudade e amorosidade.

Referências

FREIRE, A. M. A. **Paulo Freire: uma história de vida**. São Paulo: Villa das Letras, 2006.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados; Cortez, 1989.

FREIRE, P. **À sombra desta mangueira**. São Paulo: Olho D'Água, 1995.

FREIRE, P. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: UNESP, 2001.

FREIRE, P. **Cartas a Cristina**. Reflexões sobre minha vida e minha práxis. São Paulo, Paz e Terra, 2ª ed., 2015.

FREIRE, P.; GUIMARAES, S. **Partir da infância**: diálogos sobre educação. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GADOTTI, M. **Paulo Freire**: uma biobibliografia. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire. Brasília, DF: UNESCO, 1996.

KOHAN, W. O. Paulo Freire: outras infâncias para a infância. **Educação em Revista**. Belo Horizonte. v.34. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698X199059>. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/edur/a/q6yRqYmN7nmgffpjrdTmJnb/?format=pdf&lang=pt>>.

KOHAN, W. O. **Paulo Freire, Mais do que Nunca**: uma biografia filosófica. Belo Horizonte, MG: Vestígio, 2019.

MAFRA, J. F. **A Conectividade Radical como Princípio e Prática da Educação em Paulo Freire**. Tese (Doutorado em Educação). São Paulo: USP, 2007. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-30052007-110510/pt-br.php>>.

PELOSO, F. C.; PAULA, E. M. A. T. de. A educação da infância das classes populares: uma releitura das obras de Paulo Freire. **Educação em Revista**, v. 27, n. 3, Belo Horizonte, p. 251-280. Dec. 2011.

SILVA, M. R. P. da, SANTOS NETO, E. dos, ALVES, M. L. **Por uma pedagogia da infância oprimida**: as crianças e a infância na obra de Paulo Freire. 31 ANPED gt-07. Caxambu, Minas Gerais. 2008. p. 1-18. Disponível em: <http://31reuniao.anped.org.br/1trabalho/GT07-4718-Int.pdf>.

Notas

ⁱ A *live* é uma acontecimento, evento ou palestra transmitida ao vivo virtualmente. A *live* em questão foi transmitida pelo site www.youtube.com e foi um evento online comemorativo, com a palestra de Walter Kohan e Ivanilde Apoluceno, autores renomados e que apresentam várias obras sobre Paulo Freire.

Link para o vídeo completo: <https://www.youtube.com/watch?v=BLEtKGU5DuM&feature=youtu.be>

ⁱⁱ Todas as referências de Kohan (2020) se referem à palestra online ministrada na *live* já mencionada.

Sobre a autora

Ana Paula Santos Sarmanho

Mestranda no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará (UEPA), Pós-graduanda na pós-graduação *Latu Sensu* Transtorno do Espectro do Autista: Intervenções multidisciplinares em contextos intersetoriais, Terapeuta Ocupacional (UEPA), Especialista em Estudos Linguísticos e Análise Literária (UEPA), Licenciada em Letras Língua Portuguesa (IFPA).

E-MAIL: toanasaarmanho@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1911-887X>

Recebido em: 09/10/2021

Aceito para publicação em: 07/11/2021